

(RE)SIGNIFICANDO O CORPO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS¹

Pathy Inglid de Oliveira Soares²
Paula Francinete de O. Furtado³
Iací Proença Palmeira⁴

Resumo: O câncer é uma patologia marcada por representações e imaginários sociais ligados à morte e às alterações na imagem corporal gerando estigma e preconceito. A perda da mama é vivenciada pelas mulheres como processo de elaboração de luto, pois altera seu papel de mulher, mãe e esposa, gerando sentimentos de tristeza, inferioridade, rejeição, diminuição da autoestima, impotência diante da mutilação física e o receio de rejeição conjugal e social, levando-as a perda da capacidade de retornar ao seu contexto social, familiar, profissional e sexual¹. Em função desse passado, formou-se uma barreira à construção do conceito de cura dos portadores de câncer e, mesmo havendo uma luta para constituir-se como tal, esse processo ainda é conturbado e esbarra em muitas dificuldades. Assim, **objetivou-se** identificar as representações sociais de mulheres sobre os seus corpos alterados pela mastectomia. **Metodologia:** Estudo de natureza qualitativa e descritiva. Como referencial teórico utilizou-se conceitos da Teoria das Representações Sociais, segundo a abordagem processual². A pesquisa foi realizada em um hospital referência em oncologia, doenças crônicas degenerativas e transplantes no Estado do Pará. Participaram quinze mulheres mastectomizadas entre 39 a 65 anos que estavam em acompanhamento e tratamento ambulatorial nos anos de 2011 e 2012. Realizou-se entrevista semi-estruturada individual, as informações produzidas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo temática. O estudo foi aprovado pelo CEP da Escola de Enfermagem Magalhães Barata/UEPa, protocolo 0088.0.321.000-11. **Resultados:** Para a captação do perfil sociodemográfico foi aplicada a estatística simples e percentual para analisar os dados, cujos resultados evidenciaram que 46,66% das mulheres estavam em uma faixa etária que variava entre 39 e 65 anos, e, destas, 53,33% eram casadas e viviam com uma renda familiar de menos um, até dois salários mínimos nacionais (66,66%) vigentes à época do estudo. Os discursos produzidos foram organizados e classificados em três grandes categorias nominadas com base no critério de magnitude contidos nos relatos, dentre estas: (Re)significando o “novo corpo”: entendendo o processo das alterações corporais no corpo mastectomizado. A mulher mastectomizada vivencia inúmeros sentimentos na tentativa de entender a mudança abrupta em seu corpo, necessitando (Re)significar seus saberes para dar sentido a tal processo. Para 40% das mulheres a cirurgia teve um significado de vida, mesmo resultando em mutilação, pois estavam libertas não só do

¹ Recorte de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de Graduação em Enfermagem/Universidade do Estado do Pará, defendido em 28 de junho de 2012: Mulheres mastectomizadas e suas capacidades de resiliência: contribuições para a enfermagem. Orientado pela Dra. Iací Proença Palmeira.

² Enfermeira, graduada pelo Curso de Graduação em Enfermagem/Universidade do Estado do Pará. E-mail: pathy.inglid@hotmail.com

³ Enfermeira, graduada pelo Curso de Graduação em Enfermagem/Universidade do Estado do Pará. E-mail: oliverpaulinha@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem Comunitária da Universidade do Estado do Pará. Pesquisadora associada de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. E-mail: iaci_palmeira@yahoo.com.br

câncer, mas, também, da morte. Por outro lado, o estranhamento de si provocou rejeição, vergonha e levou 20% das mulheres ao isolamento. Das que apresentaram dificuldades em aceitar o “novo” corpo e a “nova” imagem corporal, 40% relataram sentir-se estranhas e vazias, passando a ter dificuldades em olhar os próprios corpos mutilados, numa tentativa de esconder a “nova” imagem de si mesmas e dos outros. Algumas mulheres (25%) foram discriminadas por amigos e parentes, que, por desconhecimento, têm uma concepção errônea acerca do câncer, optando por se afastar de seus portadores. A inversão do papel de cuidadora para cuidada e dependente dos outros desde a execução das atividades simples e rotineiras da vida diária, como: banhar-se, pentear os cabelos e trocar de roupa, sendo evidenciado por 38% das mulheres como causa de não aceitação de suas novas condições. No afã de dar sentido às mudanças evidenciadas em seus corpos, algumas mulheres usaram expressões que denotaram objetivações e ancoragens, tais como à “história bíblica de Sansão e Dalila”, cujo relato remete à Bíblia Sagrada; livro de Juízes 16: 17 e 19. Ao narrar que a força de Sansão estava no cabelo, e que o corte feito por Dalila quando este dormia, causou-lhe a perda de toda a energia. Assim como Sansão, a mulher sentiu se esvaír toda a força que tinha para enfrentar a doença ao perder os seus cabelos em decorrência da quimioterapia. Dessa forma, a história bíblica foi usada como explicação para o processo que estava vivenciando. A metáfora aqui empregada (*a perda da força após a queda dos cabelos*) demonstra claramente o processo de objetivação empregado pela mulher e as repercussões do tratamento do câncer das mamas em suas várias fases na vida das mulheres, pois, o sentido desse discurso pode estar ligado aos efeitos colaterais do organismo à quimioterapia, tais como: náuseas, vômitos, fadiga, ganho de peso, e, principalmente, a perda do cabelo que objetiva sua doença a outras pessoas e interfere em sua identidade e aceitação de si. Nesse caso, o cabelo de Sansão vincular-se-ia ao passado, à saúde, ao antes de adoecer, quando tinha força, vigor e cabelos; a perda deste ligar-se-ia ao presente, à mastectomia, à perda das forças, à iminência das perdas sociais e laboral e à impotência diante do tratamento. Outra mulher disse sentir-se um “bichinho enjaulado e acuado diante de uma selva de leões”, denotando sentimentos de medo, inferioridade e impotência (uso do diminutivo: bichinho acuado) diante do câncer (o rei da selva: os leões). Essa ancoragem se ampara no fato do leão ser considerado o rei da selva, o dominador, ninguém escapa de seus ataques; quanto ao bichinho enjaulado e acuado, este reflete a fragilidade do ser humano, a submissão, o medo. Assim como o leão ataca e mutila sua presa, tirando-lhe os pedaços do corpo até a morte, o câncer também acarreta medo, mutilação e morte. A mulher diz sentir-se aprisionada (metáfora às várias fases do tratamento que lhe geram medo, preconceito, vergonha e isolamento social). **Concluiu-se** que: as representações sociais das mulheres sobre seus corpos mastectomizados objetivam-se no medo, no preconceito e na morte e objetivam-se em forma de personagens bíblicos e se ancoram na forma de animais acuados. A não aceitação da “nova” imagem causa uma dualidade temporal entre um corpo que era “inteiro e saudável” e hoje está “doente e mutilado”³, levando a vários tipos de comportamentos que vão desde a recusa a se olhar no espelho, como a se isolar do convívio social por temer o preconceito das pessoas (expressos por afastamentos e olhar direcionado às alterações corporais exteriorizadas). A aceitação da condição atual é também influenciada pelo enfermeiro, cuja interação com as usuárias possibilita a exposição de sentimentos, emoções e expectativas quanto ao “novo” corpo, promovendo assim suas capacidades de auto-aceitação, superação e cuidado de si. A busca de estratégias para melhorar as ações de saúde dirigidas a tais mulheres apontam a importância da equipe de saúde e, mais precisamente, dos enfermeiros, para que, ao prestar-lhes cuidados, estes se foquem na subjetividade que se oculta muito além do



visível de seus corpos sem a(s) mama(s), pois o modo como representam essas marcas pode sugerir um referencial de medidas educativas voltadas às suas reais necessidades de cuidados em saúde e de enfermagem, ajudando no processo de (Re)construção das representações sociais sobre os seus corpos mastectmizados, cujos atos estigmatizantes refletem suas autoimagens e modos de relacionamentos.

Palavras-chave: Câncer. Mulheres. Representações Sociais.

Eixo-temático: Saúde e qualidade de vida.

Referências

1. Silva SÉD, et al. Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações no autocuidado. RevBrasEnferm, Brasília 2010 set-out; 63(5): 727-34.
2. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis (RJ): Vozes; 2007.
4. Palmeira IP, Ferreira MA. "O corpo que eu fui e o corpo que eu sou": concepções de mulheres com alterações causadas pela hanseníase. Texto Contexto - Enferm. Florianópolis 2012 abr.-jun; 21(2): 379-86.